



Universidade de Brasília – UnB  
Instituto de Ciências Sociais – ICS  
Departamento de Sociologia – SOL  
Trabalho de Conclusão de Curso

**O VÍCIO DA CONECTIVIDADE AO *FACEBOOK* COMO PATOLOGIA PSÍQUICA:  
Uma análise da juventude cibernética**

**Roberta Batista Strazer Lima**

Brasília  
2016

ROBERTA BATISTA STRAZER LIMA

**O VÍCIO DA CONECTIVIDADE AO *FACEBOOK* COMO PATOLOGIA PSÍQUICA:  
Uma análise da juventude cibernética**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Sociologia, Instituto de Ciências Sociais, da Universidade de Brasília como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Sociologia.

Orientadora: Profa. Dra. Christiane Machado Coêlho.

Brasília

2016

Universidade de Brasília – UnB  
Instituto de Ciências Sociais – ICS  
Departamento de Sociologia – SOL

ROBERTA BATISTA STRAZER LIMA

**O VÍCIO DA CONECTIVIDADE AO *FACEBOOK* COMO PATOLOGIA PSÍQUICA:  
Uma análise da juventude cibernética**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Sociologia, Instituto de Ciências Sociais, da Universidade de Brasília como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Filosofia.

Orientadora: Profa. Dra. Christiane Machado Coêlho

Banca Examinadora:

---

Profa. Dra. Christiane Machado Coêlho – Orientadora  
SOL/ICS/UnB

---

Prof. Dr. Sérgio Barreira de Faria Tavolaro – Membro  
SOL/ICS/UnB

Aprovado em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

## RESUMO

O *Facebook* se tornou a rede social mais acessada desde o ano de 2004, a partir daí as formas de relação no meio cibernético formam modificadas e com elas, surgem algumas problemáticas. Uma delas é a questão do vício cibernético como patologia. Apesar do tipo de transtorno, ter sido eminente antes mesmo do surgimento do *Facebook*, a exemplo, isso ocorrida com os jogos eletrônicos, o *Facebook* agravou o problema, pois por possuir uma multifuncionalidade, o jovem, sente a necessidade de se manter conectado frequentemente. Dentro desses anos, as ferramentas do *Facebook*, foram se aprimorando, fazendo com que o número de usuários, viesse crescendo ao longo desses anos e junto, o número de jovens viciados, também aumentaram. Todavia a problemática, é algo que vem sendo pouco abordado na atualidade, o que pode ser considerado grave, pois causa diversos prejuízos a atual geração de jovens. Para amenizar e tratar o transtorno, ele no mínimo deve ter seu reconhecimento social como patologia. Sendo assim a seguinte pesquisa deseja aumentar o campo de visibilidade do problema.

**Palavras-chave:** Jovens. Vício cibernético. *Facebook*. Cultura virtual, patologias, internet, transtorno, mental.

## ABSTRACT

The Facebook became the most popular website since 2004. The forms of relation in the cybernetic world were changing and some problems appeared. The cybernetic vicious was considered a disease. The Facebook is a problem because of its multifunctional system, with many option especially for young people. The number of users of Facebook was growing during the years and people became more and more addicted to the site. This problem is not an issue that people discuss, so this study will show some perspectives about it.

**Keywords:** . .Young. Facebook. Addiction.virtual.trouble.cibernético. pathologies.diseases

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Finalidade de utilização	21
Figura 2 –	<i>Feed de Notícias</i>	23
Figura 3 –	Sistemas operacionais	27
Figura 4 –	Tratamento I	29
Figura 5 –	Tratamento II	29
Figura 6 –	Tratamento III	30
Figura 7 –	Transmissão Neural	33
Figura 8-	<i>“Emojis”</i>	35

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>7</b>
<b>OBJETIVOS</b> .....	<b>8</b>
<b>METODOLOGIA</b> .....	<b>8</b>
<b>1. OS JOVENS E O <i>FACEBOOK</i></b> .....	<b>10</b>
<b>2 .O FACEBOOK EM BRASÍLIA: JUVENTUDE E ESTILOS DE VIDA</b> .....	<b>42</b>
<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>47</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>49</b>

## INTRODUÇÃO

Neste estudo irei abordar um tema comum da atualidade, que afeta grande parte da população jovem, sendo considerada uma patologia psíquica: o vício e a conexão frequente nas redes sociais em específico ao *Facebook*, a rede de compartilhamentos com mais acessos desde 2004. Esse vício e dependência já podem ser classificados como uma patologia psíquica segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM).

O (DSM) foi desenvolvido como uma alternativa à Classificação Internacional das Doenças (CID), à época em sua sexta versão, produzida pela Organização Mundial da Saúde. A APA (Associação Psiquiátrica Americana) publicou a primeira edição do “Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais” já em 1952, e as edições seguintes foram publicadas em 1968 (DSM II), 1980 (DSM III), 1987 (DSM – III-R), 1994 (DSM-IV) e 2013 (DSM-V) (VANILDA, 2015, p. 28).

Ao abordar esse tema, procura-se concluir a partir de dados, como se dá as relações entre jovens usuários da rede de compartilhamentos, o que leva a estarem conectadas com muita frequência, as consequências que isso trás no âmbito das relações sociais e os vários transtornos mentais desencadeados a partir desse.

O trabalho terá um embasamento teórico e metodológico, sendo que irá ser realizada uma entrevista estruturada, sendo estabelecida, uma relação entre faixas etária.

Partindo da perspectiva teórica, a análise é inédita e terá como objetivo ampliar o campo de pesquisa, com relação ao vício cibernético, como patologia entre jovens.

A grande motivação, para restringir a pesquisa a dados captados na rede social *Facebook*, se resume ao fato, do meio cibernético, ter ganhado um novo rumo. Dês de 2004, o número de usuários vem crescendo periodicamente.

Sendo assim o objeto de pesquisa, visa ampliar o campo de debate, observar as causas, consequências e buscar uma forma de tratamento, mesmo que pouco eficaz para a cura do vício como patologia.

## Objetivos

### a) Geral

A pesquisa tem como objetivo transparecer o impacto social que o vício cibernético (como patologia) no *Face book*, vêm causando ao público jovem, em âmbitos social e psiquiátrico.

O estudo apontou, como ações para melhoria das patologias a serem estudadas, em destaque, o vício cibernético no *Facebook*.

### b) Específicos

- Dar importância, ao ônus e gravidade do problema como patologia em sociedade;
- Analisar como jovens na faixa dos 15 aos 30 anos se portam diante das relações sociais;
- Investigar as causas e consequências do vício cibernético como patologia;
- Buscar dados quantitativos sobre o número de horas que esses jovens permanecem conectados, para, assim, concluir se sofrem da patologia do vício.
- Elaborar uma análise social sobre a doença;
- Verificar como o *Facebook* gerou tantas transformações nas formas de relações desses jovens, com o meio cibernético;
- Expor como o problema vêm sendo pouco abordado e debatido na atualidade.

## Metodologia

Para elaborar a pesquisa, foram captados dados do site da rede social do *Facebook*, como, o tipo de material compartilhado pelos usuários, evolução das ferramentas de pesquisa dês do ano de 2004, entre outros detalhes. Para fazer uma relação entre variáveis, vicio de conectividade e faixa etária, dos 15 aos 30 anos, foi formulada uma entrevista estruturada, contendo um total de 10 perguntas,

direcionados a 20 entrevistados, com relação ao tempo de conectividade de cada usuário, quanto tempo passam desconectados, entre outras mais específicas.

Os questionários foram aplicados em um período de 20 dias, os campos de pesquisa foram o condomínio ao qual se localiza a minha residência, uma empresa privada (um *shopping*, Brasília Shopping) e outra empresa pública (CODEVASF). Nesses locais, as entrevistas foram destinadas a funcionários da faixa etária do 20 aos 30. Já no condomínio, foram destinadas a jovens entre 15, 16 e 17 anos.

Para especificar mais o tema, foi traçado em embasamento teórico, com referências bibliográficas. Também foram captados, outros dados baseados em artigos da *internet*.

O presente trabalho será dividido em dois capítulos, o capítulo 1, contendo a parte teórica e o capítulo 2, contendo a parte metodológica.

## Capítulo 1

### OS JOVENS E O FACEBOOK

Para o tema em pesquisa se partirá do âmbito da sociologia pós-moderna, para assim concluir-se um pouco mais a fundo como a problemática foi se desenvolvendo ao longo do tempo até se inserir ao meio “cibernético”.

Durante o pós-modernismo deu-se início ao que se define como “Psicologia Social”, por um mecanismo sociotecnológico. “Uma investigação que penetre no significado íntimo da vida específica” SIMMEL GEORG, 1973, pág. 11. O indivíduo está inserido no meio o qual a tecnologia e os meios sociotecnológicos como citado, influenciam de forma direta as relações sociais e as formas de representação social. Simmel como um autor inserido na vertente sociológica do século XX, analisa as formas de relação social e as consequências negativas para a construção individual no meio social. Na contemporaneidade as formas de relação nas redes sociais, veem contribuindo em boa parte de forma negativa para a construção da identidade do indivíduo, pois vem desencadeando vícios, mudança brusca nas formas de interações pessoais, e o mais significativo a ser abordado na pesquisa, a evasão da realidade e o desenvolvimento de transtornos mentais entre jovens.

No nível da interação, os autores do pós-modernismo enfatizam o que veem como uma crescente superficialidade nas relações sociais e as consequências destrutivas para a formação da identidade individual. Seu diagnóstico crítico é baseado largamente numa extensão da análise de Marx e de Simmel dos efeitos desintegradores da inexorável mercadorização na vida moderna, acelerada pela forte influência dos meios de comunicação de massa, especialmente da televisão, nas sociedades contemporâneas” (DOURADO, Lemuel,) (achar ano).

Observa-se que no período da sociologia pós-moderna as relações sociais se tornaram mais superficiais, devido ao avanço tecnológico desenvolvido a partir da imersão do capitalismo. Durante o pós-modernismo no âmbito da sociologia, lutava-se contra as ideias dos regimes totalitários, encaminhando a sociologia para as crises individuais desenvolvidas em meio urbano. Sociólogos como Zygmunt Bauman, trabalharam diante dessas novas teorias, atualmente Bauman exibe vários artigos sobre comportamento individual relacionado aos meios cibernéticos.

O Facebook como uma rede de compartilhamentos recente, vêm sendo considerado um meio de compartilhamento de dados da vida pessoal. Criado por *Mark Zuckerberg*, a rede de relacionamento deu lugar a um número considerável de usuários, Tomando o lugar do “Orkut”. No Orkut, o público jovem, fazia parte do que eram conhecidos como “comunidades”. Assim essas comunidades, eram relacionadas, a estilo musical, hábitos em comum , o que criava um grupo e uma forma de relacionamento segundo as afinidades em comum . Todavia apesar o Orkut expor o perfil de cada usuário, não era uma rede social no qual havia uma evasão considerável do “mundo real”. Essa busca pela fuga do “mundo real” pode ser considerado um dos grandes motivos pelo o qual os usuários se matem conectados rotineiramente. O tema a ser evidenciado em pesquisa que é restrito ao vício e a conexão frequente de determinados grupos de jovens entre 15 e 30 anos, que serão analisados a partir de uma entrevista semi estruturada, onde serão captados dados relacionados ao tempo e a frequência ao qual se mantém conectados, entre outras abordagens a serem questionadas na entrevista. A partir desse métodos, ira conclui-se entre um grupo de 10 jovens, enquadrados na determinada faixa etária, quais apresentam traços do transtorno mental do vício de se manter conectado. Segundo *Zygmunt Bauman*, sociólogo pós-moderno, esse usuários, entre eles o público jovem, tendem a tornar superficial o conceito de “amizade”, sendo que ter um determinado número amigos no facebook, não corresponde a um relação real de amizade, é apenas um número no qual o individuo acredita está envolvido em um relacionamento mais profundo, tendendo a haver a ilusão de que realmente estão acompanhados por esse grande número de amigos, quando na verdade esses laços criados, são desfeitos com muita facilidade. Em um dia você pode ter 500 amigos, no outro duzentos, e posteriormente 1000, no qual isso se torna um ciclo vicioso, relacionado a apenas número e não uma relação afetiva em si. Sendo assim, isso se torna uma espécie de ilusão e evasão “do mundo real”, onde os verdadeiros laços afetivos são ocorrentes. Essa interpretação das relações postas na redes sociais são ainda mais comuns entre o público jovem, onde um estereótipo de vida social e de “curtidas” cria uma espécie de “status social”, provavelmente se o usuário tiver um maior número de “amigos”, terá mais

“curtidas” em suas publicações, o que dá a sensação de estar incluído em determinada comunidade ou grupo.

Para utilizar o Facebook, o usuário terá que utilizar algumas ferramentas. O primeiro passo é criar uma conta, no qual esse processo será dividido em etapas,

Ao adicionar os dados na página inicial, o site leva-o a um processo de quatro etapas para que você preencha as informações básicas de seu perfil. Não é preciso que você responda as perguntas ou adicione os amigos sugeridos, pois é possível fazer tudo isso posteriormente. Caso queira deixar para depois, basta clicar na opção “Pular”.

Os dois primeiros passos são referentes aos seus amigos. Com base nos contatos de sua conta de e-mail, o Facebook procura usuários já cadastrados e sugere para que você os adicione. “Além disso, também é possível enviar uma mensagem para convidar outras pessoas a integrar sua rede.” Constata-se que o foco do site de relacionamento está direcionado a um número de amigos, no qual você vai manter um contato virtual no tempo que estiver conectado.

A seguir, você deve preencher algumas informações que vão ajudá-lo a ser localizado por outros usuários. São dados simples, como a escola e a faculdade em que você estudou, assim como o local em que você trabalha. Depois é só adicionar uma foto e pronto, você já está dentro do Facebook (<http://www.tecmundo.com.br/facebook/4687-como-usar-o-facebook.htm>).

Constata-se que o processo de “criar uma conta” é algo simples, para assim tornar algo acessível, conquistando o interesse de um maior número de usuários.

Ao entrar em sua conta pela primeira vez, o Facebook direciona-o à página de boas-vindas. Nela é possível preencher todas as informações que você não inseriu durante o cadastro, além de outras que facilitam que outras pessoas o encontrem.

Nessa etapa, o principal é fazer com que seu perfil seja o mais completo possível. Adicione informações que você considere relevante, além de indicar seus relacionamentos e contatos.

(<http://www.tecmundo.com.br/facebook/4687-como-usar-o-facebook.htm>).

Há o mural de novidades, conforme se segue:

Se você é usuário do Orkut, já deve estar acostumado com o fato de receber as atualizações de seus amigos em seu perfil. Além disso, há também o recurso “status”, que permite que você envie pequenas mensagens e que seus contatos comentem sobre aquilo.

[...].

A diferença é que o envio de mensagens é mais completo no Facebook, já que você pode anexar imagens e vídeos em seus recados, o que facilita o compartilhamento de informações. Além disso, a atualização desse espaço pode ser feita por meio de ferramentas externas, como o próprio Windows Live Messenger 2010.

Conclui-se que dès da criação do Facebook, que o compartilhamento de informações é fonte de um conteúdo mais diverso e detalhado de dados, o que não ocorria no Orkut. Sendo assim a rotina, os gostos, os hábitos e outros detalhes da vida pessoal do individuo usuário se torna ainda mais exposto ao público, sendo que essa ferramenta foi sofrendo modificações ao longo do período entre 2004 e 2015. Ao exemplo, as imagens compartilhadas na linha do tempo sofreram alteração de dimensão de tamanho ao longo do período, inicialmente essas imagens eram vistas no “feed de notícias” em menor dimensão, posteriormente sofreu um leve aumento, o que torna ainda mais visível e expressivo o conteúdo implícito na foto ou imagem postada pelo usuário. Essa facilidade de compartilhamento de informações, também torna a conexão mais frequente. Quando se está conectado pode-se compartilhar um “status” com um pensamento ou sobre algo que esteja fazendo no momento, isso se tornou bastante comum, onde não mais uma relação muito distante entre vida privada e vida virtual.

“““ Um dos pontos que sofreu grande modificação do Orkut para o Facebook, foram as “comunidades”, no Facebook, essa ferramenta foi substituída por um sistema de “páginas”, onde o usuário que “curtir” o conteúdo terá acesso a um fórum de discussão. Ao exemplo a página de uma determinada banda tem um número “x” de curtidas, onde normalmente o moderador da página compartilha informações a serem analisadas entre os usuários que “curtiram”. Vale ressaltar a criação do botão “curtir”, quanto mais curtidas uma imagem ou qualquer tipo de conteúdo compartilhado tiverem , maior é o número de aprovação ou de visualização e interesse por parte de um público . Isso se torna ainda mais comum entre o público jovem, onde tentam se enquadrar em um estereótipo e buscam a aprovação do grupo ou meio ao qual estão inseridos. Essa relação é bem comum entre as fotos compartilhadas, conhecidas atualmente como as “selfies”.

As relações cibernéticas que deram início a esse tipo de representação do individuo no meio virtual, forma bem comuns já na década de 90, onde as questões das “redes” foram alvo de grandes transformações e debates. Para Manuel Castells, esse processo pode ser conhecido como “compartmentalização do saber”, segundo o autor essa relação cria um nova esfera, uma estrutura social especifica a nível,

político, econômico e cultural. Mas o que será posto em foco é o indivíduo enquadrado nessa estrutura, como o público jovem se enquadrado diante dessa grande modificação.

A análise de Castells desenha, assim, contornos de uma sociedade globalizada e centrada no uso de aplicação da informação e no qual a divisão do trabalho, se efetua não tanto segundo jurisdições territoriais (embora isso também continue a ocorrer), mas, sobretudo segundo um padrão complexo de redes interligadas. É nessa sociedade que vivemos e ela é que devemos conhecer se quisermos que nossa ação seja ao mesmo tempo relevante e responsável.

Observa-se que Castells define a sociedade como globalizada centrada em aplicar informações, afirma que se o indivíduo não estiver enquadrado nesse padrão sua ação é considerada irrelevante, há aí uma espécie de dinamismo na sociedade, no qual a inovação tecnológica aprimorou mais ainda essa capacidade de circulação das informações, sendo que isso foi se tornando mais visível no decorrer dos anos 90 até a atualidade, onde as redes sociais criaram uma nova forma de representação social.

É claro que a tecnologia não determina a sociedade. Nem a sociedade escreve o curso da transformação tecnológica, uma vez que muitos fatores, inclusive criatividade e iniciativa empreendedora, intervêm, no processo de descoberta científica, inovação tecnológica e aplicações sociais, de forma que o resultado final depende de um complexo padrão interativo (CASTELLS MANUEL, 2000, pág. 43).

Castells afirma que não é a tecnologia a grande responsável pelas transformações sociais, anteriormente tem uma série de fatores que influenciam, como a criatividade e o empreendedorismo, a inovação tecnológica seria apenas consequência. Sendo assim o Facebook, antes de ser considerado uma inovação tecnológica no meio cibernético, antes de tudo é classificado como uma empresa do meio cibernético.

Para Castells nossa sociedade atual poderia ser compreendida como uma sociedade em rede. O paradigma para compreender a sociedade contemporânea seria a existência de redes numa escala global. Neste contexto, o que nos ligaria seria o poder da identidade, ou seja, a capacidade de criarmos vínculos comuns. Por outro lado, os “info excluídos” seriam outra perspectiva do mundo globalizado e interconectado. Se vive em uma sociedade em rede, mas que têm ou não acesso a essas redes.

No século XX , três processos independentes se uniram, inaugurando uma nova estrutura social predominante baseada em redes: as exigências da economia por flexibilidade administrativa e por globalização do capital, da produção e do comércio; as demandas da sociedade, em que os valores de liberdade individual e da comunicação aberta tornaram-se supremos; e os avanços extraordinários na computação e nas telecomunicações possibilitados pela revolução microeletrônica. Sob essas condições, a *internet*, uma tecnologia obscura sem muita aplicação além dos mundos isolados dos cientistas computacionais, dos hackers e das comunidades contraculturais, tornou-se a alavanca na transição para uma nova sociedade – a sociedade de rede-, e com ela para uma nova economia.

Para Bauman como cita em seu ensaio “44 Líquidas Do Mundo Moderno”, no Facebook e outras redes sociais, a relação face a face e substituída pela relação “tela a tela dos monitores”, onde o contato com muito real se torna bastante restrito, criando-se uma evasão da realidade, onde o individuo cria um identidade posta no seu perfil , que muitas vezes não corresponde ao que realmente é, tanto com relação a suas características da personalidade, quanto físicas. Ao exemplo uma “selfie” editada o torna bem diferente do que é na realidade. Em resumo, o Facebook é um grande ferramenta de estereótipos idealizados, onde o individuo acostuma-se a viver enquadrado a essa rotina, conectado grande parte do tempo. Geralmente o habito se tornou tão comum, que não é posto em crítica. Sendo assim esses vício vêm trazendo grandes prejuízos à saúde mental, onde às vezes não se acha a causa do desenvolvimento de certo transtorno mental, sendo que muitas vezes está relacionado ao vício da conectividade (já considerado um transtorno) e evasão do mundo real. Há um grande impacto do individuo ao se enquadrar com a realidade, pois se modifica quase por completo as formas de relação em sociedade, de representação social e a questão da identidade.

[...] Esquecidas ou jamais aprendidas às habilidades da interação face a face, tudo ou quase tudo que se poderia lamentar como insuficiências da conexão virtual on-line foi saudado como vantajoso. O que o Facebook, o Myspace e similares ofereciam foi recebido alegremente como o melhor dos mundos. Pelo menos foi o que pareceu àqueles que ansiavam desesperadamente por companhia humana, mas se sentiam pouco à vontade, sem jeito e infelizes quando cercados de gente [...] (Zigmunt Bauman,... 44 cartas líquidas do mundo moderno).

Neste estudo, será analisado mais a fundo o transtorno mental, do vício de se manter frequentemente conectado. Para isso será analisado um grupo mais específico de jovens entre 15 e 30, pois em geral é o público que mais sofre com as consequências da “evasão do real”. O conceito de “juventude” veio a se modificar com passar das décadas aonde ela vem se tornando cada mais precoce, pois com a inovação tecnológica no começo da década de 90, o acesso a um grande número de informações se tornou comum a vários públicos. Atualmente um indivíduo na faixa etária dos 10 ao 12 anos, já é usuário de algum tipo de dispositivo móvel, ou “tablet” ou o simples “smarhfone”, isso vêm tornando o acesso às informações longe de sofrerem qualquer tipo de censura, o que está causando a precocidade da “juventude”.

O que casou um aumento no número de horas de conexão nos últimos anos foi à criação dos dispositivos móveis, como “tablita” e “smarhphones”. Pode-se considerar uma mudança significativa a forma de acesso, pois o simples fato de poder sair de casa conectado e ser manter conectado durante todas as atividades diárias seria uma causa direta para o aumento e desenvolvimento do vício. A tecnologia dos Tablets e Smarhphones permite que o usuário faça o download de aplicativos, simplificando a forma de acesso. Ao baixar o aplicativo do Facebook, basta o usuário clicar no aplicativo, no qual geralmente faz um “login” quando adquire o dispositivo móvel e sendo assim, se mantêm conectado constantemente, bastando clicar no aplicativo para manter-se “Online”. (expor gráficos).

Uma das consequências do vício de se manter conectado (já classificado como um transtorno mental) é o desenvolvimento de outros transtornos mentais considerados ainda mais graves, como depressão, agorafobia, transtorno do pânico, sociopatia, entre outras. Todas essas patologias estão classificadas no (DSM). A depressão se desenvolve de forma frequente, até porque quando o paciente é diagnosticado com algum transtorno mental, normalmente esse transtorno já acompanha um pequeno quadro depressivo. Tudo leva a concluir, que essa relação frequente com virtual, em especial a rede social Facebook, trás grandes prejuízos a formação da identidade, e prejudica de forma considerável as relações sociais e face a face.

Segundo os manuais de diagnóstico, a depressão existe se houver a presença de cinco sintomas dentre os diversos listados, divididos entre cognitivos, fisiológicos e comportamentais. Os cognitivos incluem humor

deprimido, desânimo persistente, tristeza, baixa autoestima, sentimentos de inutilidade, vazio, culpa, irritabilidade, redução da capacidade de experimentar o prazer na maior parte das atividades consideradas como agradáveis, diminuição da capacidade de pensar, de se concentrar de memorizar, de tomar decisões e ideação suicida. (Entre os sintomas fisiológicos estão a fadiga, a sensação de perda de energia, alterações no sono (insônia ou hipersonia), alterações no apetite), redução do interesse e prazer sexual, agitação motora, inquietude. As evidências comportamentais compreendem retraimento social, choro frequente, comportamentos suicidas e automutiladores e lentidão generalizada. Em alguns casos, podem surgir também sintomas psicóticos, como delírios e alucinações “(MARIA DE OLIVEIRA VANILDA, pág. 30, 2015)”.

A depressão é posta em análise, pois é um dos transtornos mentais mais comuns gerados pelo vício à conectividade e evasão do real. E essa patologia além de acompanhar em maior ou menor grau outros transtornos mentais atualmente já considerado algo comum entre jovens da faixa etária dos 15 aos 30 anos. Conclui-se que o ônus de se manter conectado com frequência a uma rede social, trás diversas consequências a saúde mental e até mesmo física.

O *Facebook* foi selecionado como fonte da pesquisa, pois no decorrer dos últimos anos é a rede social que apresenta mais multifuncionalidade, superando o *WhatsApp*, *Instagram* e outros. No *Facebook*, além de compartilhamento de conteúdos por parte dos usuários, é possível estar conectado ao “bate-papo”, sendo assim por apresentar grande variedade de recursos, torna a relação entre os usuários mais íntima. Ao mesmo tempo em que há a comunicação por meio do bate-papo. Quando se compartilha uma foto na *timeline*, você pode receber curtidas e comentários, se seu amigo admirou ainda mais sua foto, ele pode iniciar uma conversa pelo “bate-papo”, elogiando. O *facebook* também se tornou um meio de grandes debates políticos, sendo que também se tornou uma fonte para promover as grandes empresas de jornalismo. Há um conteúdo de informações compartilhadas em grande quantidade, em apenas milésimos de segundos. Um noticiário compartilhado pode receber mais de 1000 curtidas em menos de 1 minuto. O prova que o *Facebook* tem um grande número de usuários do parte do mundo, na sua maioria jovens.

No âmbito da Psicologia social, na visão de Serge Moscovici como cita em “A Psicanálise Sua Imagem e Seu Público” ao citar Freud, se expõe a visão de um de seus primeiros artigos diferenciando dois conceitos paralisia orgânica e paralisia histérica, sendo que a “paralisia histérica” se estabelece no indivíduo segundo esquemas sociais e fisiologia de anatomia do sistema nervoso central. Sendo assim

esse contraste com “esquemas científicos”, tem o papel de representar o reconhecimento da doença e da terapia, “extrapolando, pode-se imaginar facilmente que as noções psicanalíticas, inspiram principalmente no campo das doenças funcionais (...)” (MOSCOVICI, SERGE, pág. 21, 2012).

No final de 2012, o Facebook atingiu cerca de um bilhão de usuários , segundo a própria empresa, entre o público a maioria jovens. A rede social, se tornou uma fonte construtiva de relacionamentos, onde é possível fazer novas amizades conhecendo usuários de outra estado, cidade ou até mesmo país. Todavia essa forma de interação virtual, muitas vezes torna a relação superficial, outros até criam uma identidade falsa, para “facilitar” a conquista. Muitas vezes o jovem procura esse tipo de relacionamento com certa consciência de que corre riscos, ou de que tudo se passa de pura ilusão. Busca-se essa evasão da realidade como uma forma de auto- conforto, ou por ter restrição a uma vida social. O perigo está no qual se cria laços afetivos ilusórios, onde se alimenta sentimentos criados pela mente, onde se constrói uma imagem de personalidade e físico da outra pessoa que não condizem com a real, a consequência é que quando esses usuários interagem face a face, ocorre um estranhamento ou desencanto, causado pela imagem construída, gerando certa decepção e perda de autoconfiança. Essas formas de relacionamento virtuais afetivos via Facebook, também pode ser causa do desenvolvimento de transtornos mentais entre jovens, lógico desencadeado pela conexão frequente, pois para manter esse tipo de relacionamento é preciso dedicar grande parte do tempo “online”, para ter ideia do conteúdo compartilhado pelo parceiro em sua linha do tempo, sua rotina, entre outros detalhes da vida cotidiana. Grande parte desses relacionamentos geram grandes frustrações, levando até mesmo quadros depressivos. Essa relação costuma ser mais longa, quando se conhece um usuário de outra cidade ou país. Pois o período no qual se leva para concretizar uma primeiro contato físico, geralmente é mais longo, o que gera a sensação de ausência do parceiro, insatisfação afetiva e até mesmo sexual. Por mais que tenha ocorrido um “encontro” pela “webcam” (no qual o Facebook oferece tal ferramenta), jamais será substituído pelo encontro ao vivo, onde se pode ter o contato físico, se conhecer as manias do parceiro, entre outros quesitos Bauman: busca de pertencimento no mundo atual).

Outro ponto ser debatido é a questão do “status de relacionamento”, pois pode ser feito ou desfeito com muita facilidade. Quando um casal opta por manter

um vínculo afetivo ao exemplo um namoro, rapidamente optam por mudar os ambos os status, ao exemplo: “Gisele está em um relacionamento sério com Rodrigo”, no perfil de Rodrigo irá constar: “Rodrigo está em um relacionamento sério com Gisele”, muitos ocultam o usuário parceiro o qual estão mantendo o relacionamento optando por botar apenas “está em um relacionamento sério”, mas esse é ponto menos relevante. O fato que a facilidade de mudar o “status”, faz com que qualquer conflito entre o casal, se torne motivo para “tirar” o status, sendo assim isso gera frustração entre ambas as partes. Ou mesmo se o casal optar por botar fim ao relacionamento, o status é feito em questão de segundos, onde não há uma conversa, ou qualquer tipo de consenso, gerando grandes transtornos emocionais.

Outro ponto é a questão de expor-se publicamente, mostrando aos “amigos” que está em um relacionamento uma espécie de “aliança” do meio virtual. Outro ponto de conflito entre casais é a questão do parceiro pode vigiar a rotina do outro virtualmente, sendo que um simples “curtir”, pode se tornar motivo de grandes conflitos e até terminos, por motivos de ciúmes. Se o namorado, “curtir” a foto de uma amiga usuária ou vice-versa, isso é exposto publicamente, podendo gerar ciúmes e conflitos.

O grande gerador dos conflitos presente nesse meio virtual é a questão do jovem usuário estar sendo exposto publicamente rotineiramente, muitas vezes isso quebra a barreira entre o que é público e privado. O que antigamente era considerado algo da intimidade do indivíduo, com o Facebook se tornou normal a se expor publicamente. Ao exemplo, uma refeição, Café da Manhã, almoço ou janta, pode ser fotografado e publicado em questões de segundos na linha do tempo do usuário. Todavia outra questão mais séria a ser debatida, são os “crimes cibernéticos”. O Facebook se tornou um grande meio. Cometem-se crimes de “Danos Morais” a “Pedofilia”. O simples fatos de o usuário ter uma vertente política ideológica oposta em um debate, o torna motivo para ser ridicularizado publicamente, até mesmo com palavras consideradas de “baixo calão”, essa situação como se enquadrada como crime de “Danos Morais”. Muitas vezes o jovem se sente intimidado e ignora a situação, sem nem mesmo perceber que foi exposto ao um constrangimento considerado crime. Do ponto de visto emocional e psicológico a situação pode ser considerada como “bulliyng” (definir), e se ocorrer rotineiramente, pode-se gerar grandes transtornos emocionais, depressão, fobia social, entre outros. “A diversos casos relatados de jovens que sofreram com o tal.

Quando se refere a uma geração “cibernética” de jovens, não pode deixar de focar nas gerações “x, y e z”, pois é uma forma de se captar as mudanças que ocorrem na juventude em determinado intervalo de tempo. Como esse jovens vão se adaptando a novos costumes, sendo que atualmente são extremamente pertencentes ao mundo virtual, sendo que essa inclusão ocorre de forma cada vez, mas precoce, onde o vício a conectividade se manifesta cada vez mais cedo o que torna extremamente normal um pré-adolescente na faixa etária dos 12 anos, apresentar algum tipo de transtorno mental, por está conectado frequentemente.

A Geração “x” inclui os nascidos do início de 1960 até o final de 1970, o termo “geração x”, foi criado por Robert Capa nos anos de 1950, esses jovens foram nascidos após o “Baby Boom”, que ocorreu entre a década de 20 e 40. Essa juventude fez parte do movimento hippie da década de 70 e teve uma participação de cunho social e político bem significativa, ainda porque viveram entre períodos de censura em consequência aos regimes ditatoriais que ocorriam na America Latina.

A geração “y” pode ser considerada a primeira a ser incluída em uma “revolução tecnológica”. Essa geração, são os do que nasceram no final dos anos 70 e início dos anos 90. Nos anos de 2012, segundo Afonso Borges, essa população representava 20% da população global, esses dados foram exposto no livro “Social Target”.

Os jovens pertencentes à geração “Z” são os considerados conectados ao mundo virtual através dos dispositivos móveis:

[...] como tal, pertence a um grupo de consumidores exigentes, informados e com peso na tomada de decisões de compra. Você faz parte da primeira geração verdadeiramente globalizada, que cresceu com a tecnologia e a usa desde a primeira infância. A Internet é, para você, uma necessidade essencial – afinal, responda-me: Quanto tempo consegue ficar sem ela sem sofre de abstinência? – e com base no seu acesso facilitado, desenvolveu uma grande capacidade em estabelecer e manter relações pessoais próximas, ainda que à distância [...].

Observa-se que o meio virtual possibilitou uma inclusão social, política e até mesmo econômica dos jovens. Possibilitou novas formas de comunicação, apesar de ter gerado a patologia do vício.

Abaixo, um gráfico, demonstrando a finalidade de utilização da internet, entre crianças/adolescentes da faixa etária dos 10 aos 15 anos, entre os períodos de 2005 a 2008. Observa-se, que independente da finalidade, o número de usuários cresceu consideravelmente em apenas três anos. Apesar de a pesquisa ter sido realizada há alguns anos atrás, serve como parâmetro para concluir-se que com o passar dos anos, os jovens incluídos ao meio cibernético, vem crescendo consideravelmente. Com o surgimento dos dispositivos moveis...

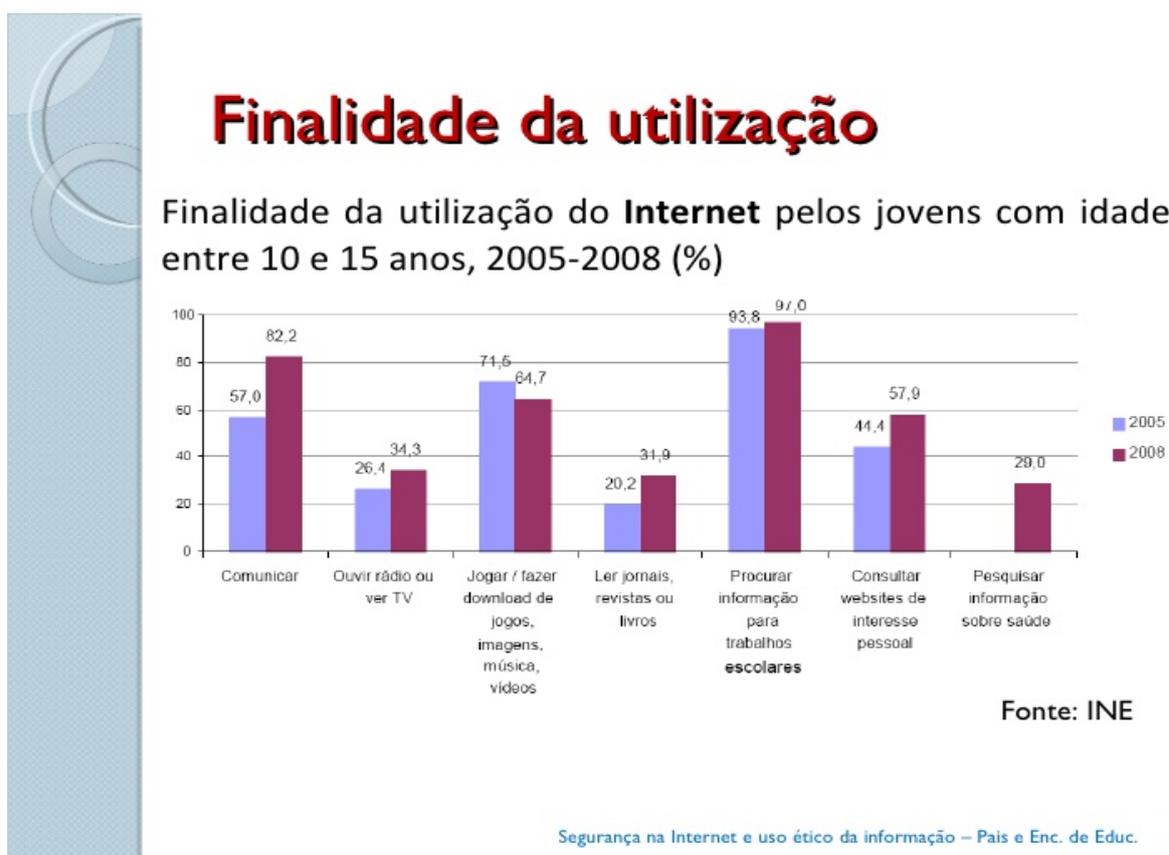


Figura 1 – Finalidade da utilização

Fonte: INE

Diferentemente da geração “x”, os jovens pertencentes à geração “z”, possuem a possibilidade de se relacionarem com uma diversidade. Todavia essas relações se tornaram mais superficiais. A exemplo, o meio virtual possibilitou a comunicação por escrito através de mensagens. Porém a comunicação virtual através de mensagens restringiu o contato visual, corporal e de fala. Durante as geração “x” os grupos de jovens eram mais presentes, com ausência do meio virtual para possibilitar a comunicação, a relação face a face era quase que obrigatória, ou

então para manter contato com o amigo ou colega teria que ter anotado em sua agenda o seu contato residencial. Ao ligar, provavelmente quem estava presente do outro lado da linha era algum familiar ou parente o indivíduo ao qual se mantinha o vínculo de amizade ou qualquer outro tipo de afeto. Sendo assim conclui-se que as relações afetivas durante a geração “x” era mais íntimas , quando se tinha um “amigo”, “ficante” ou até mesmo “conhecido”, se tinha uma acesso à vida familiar da pessoa o que tornava essas relações menos superficiais.

Atualmente no Facebook, isso ocorre de forma extremamente oposta, para buscar o contato e entrar em comunicação com um conhecido, basta mandar um “Inbox”. Essa forma de comunicação é rápida eficiente e direta, porém bem mais superficial talvez isso justifique também a superficialidade das relações afetivas no mundo moderno.

Tabela 1 – Tabela I

<b>Geração</b>	<b>X</b>	<b>Y</b>	<b>Z</b>
Idade	32-51	20-31	14-19
Praticam atividade física	33%	41%	54%
Leem jornal	32%	34%	14%
São fumantes	18%	17%	5%
Tem perfil em rede social	70%	86%	97%
Checam e-mail no celular	9%	21%	25%

Fonte: Meyer (2014).

Para captar dados com relação ao vício à conectividade entre jovens no Facebook foi elaborada uma entrevista estrutura contendo 10 perguntas, entre elas o tempo que esses usuários se mantêm conectados e finalidade com que utilizam a ferramenta, como lazer ou fins profissionais. Para realizar o trabalho de campo os questionários foram destinados a jovens da faixa etária dos 15 aos 30 anos, entre eles estagiários de empresas, moradores do meu condomínio e funcionários também. A partir desses dados captados se tem o objetivo de criar um gráfico para analisar a relação entre faixa etária e vício á conectividade, gerando dados quantitativos. A entrevista será exposta em anexo.

Especialistas analisam o vício a conectividade como a dependência ao de qualquer outra droga, pois causa uma espécie de destruição das capacidades cognitivas e evasão do mundo real. A psicóloga Susan Weinschenk, afirmou em um artigo em 2009 que: “A dopamina nos leva a querer, desejar, buscar e pesquisar”, escreveu ela. É o sistema opioide que faz a pessoa sentir prazer. “A dopamina (querer) e os opioides (gostar) são complementares, disse ela, citando Kent Berridge.”. No entanto ela afirma que o sistema de “dopamina” é mais forte que o de “opioides”, então ela afirma que estamos acostumados mais a buscar do que estarmos satisfeitos. Levando isso para âmbito do vício a conectividade as redes sociais, em específico o “ Facebook”. Essa ferramenta oferece um capacidade a busca de informações bastante abrangente e desde 2004 isso vem se torando cada vez mais aprimorado.

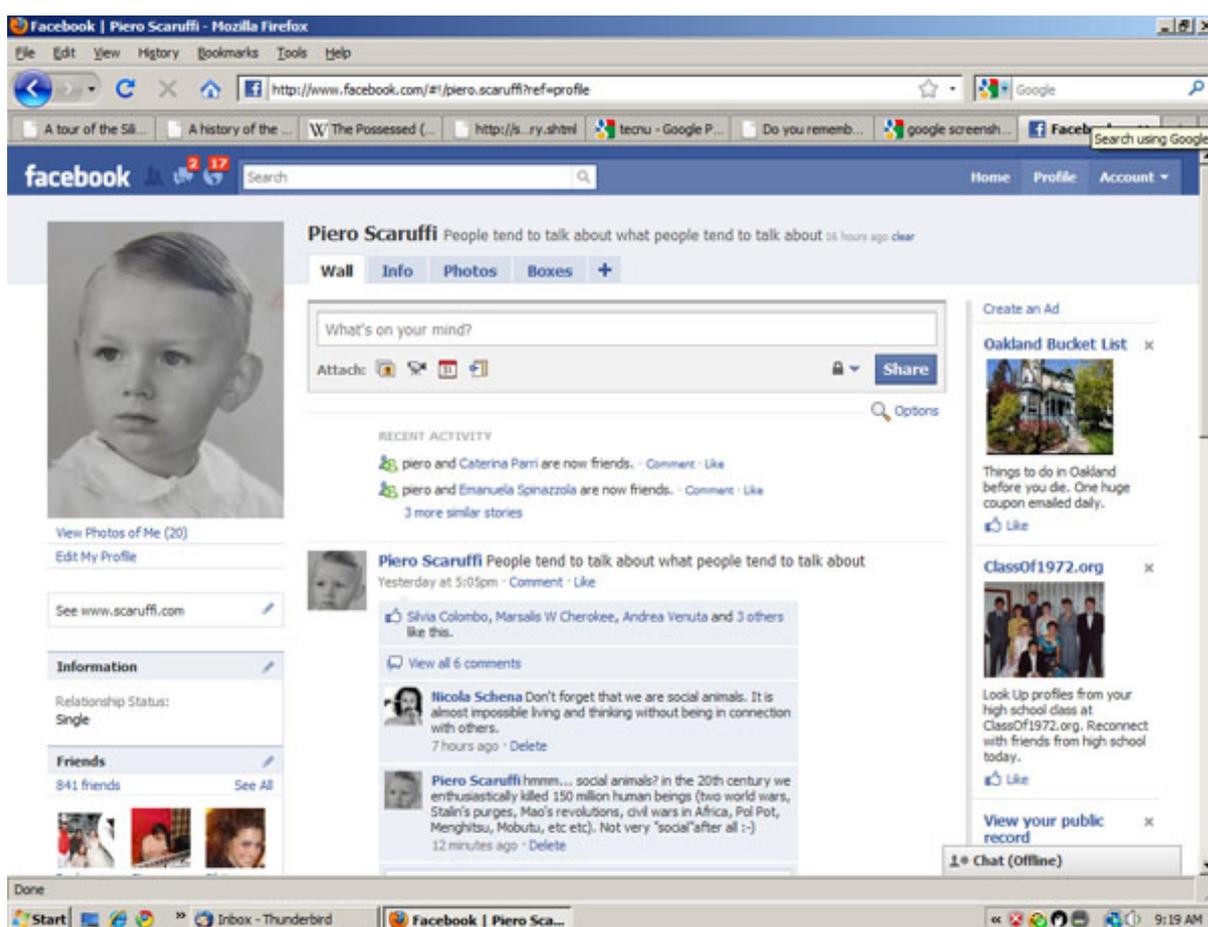


Figura 2 – Feed De Noticias

Fonte: Scaruffi (2009).

A imagem em anexo, expõe o primeiro padrão da página do Facebook logo em 2004, observa-se que no canto superior esquerdo a uma ferramenta que possibilita a capacidade de busca “search”, pode ser enquadrada uma ferramenta de pesquisa, onde você pode ter acesso ao perfil de usuários, curtir páginas vinculadas ao “wikipédia”, músicas, filmes e etc. Essa função da rede social, apesar de menos aprimorada que a dos sites de busca, possibilita um acesso diverso a uma variedade de conteúdos. O que também induz o usuário a ficar bastante de tempo conectado “fazendo buscas”.

Segundo Bauman, o *Facebook* serve como uma chave para tranquilizar a solidão e a falta de conhecimento:

Felizmente nós temos Mark Zuckerberg com o Facebook, nós temos o Google, nós temos outras coisas que nos suprem com tranquilizantes para tratar doenças que sofremos como solidão e falta de conhecimento. O problema de poder adquirir conhecimento completo, de qualquer coisa, é atenuado por esses serviços tranquilizantes.

As experiências cotidianas face a face é exatamente onde a linguagem se ajusta logo as formas de interação face-a-face interferem mais no contexto da realidade do que os outros tipo de interações, a exemplo as interações que se dão no meio cibernético. Logo apesar das ferramentas do Facebook oferecem uma nova perspectiva da vida cotidiana do indivíduo, ela não interpreta a realidade, pois está abaixo da capacidade de cognição presente na interação face a face.

Segundo Husserl:

[...] Seu ponto de partida irredutível são as experiências do ser humano consciente, que vive e age em um “mundo” que ele percebe e interpreta e que faz sentido para ele. Para lidar com esse mundo, ele utiliza um modo de intencionalidade espontâneo, em termos intelectuais, mas ainda assim ativo: não há fase ou aspecto da consciência humana que surja de si ou por si próprio; a consciência é sempre consciência de alguma coisa. As formas de consciência estão ligadas ao conteúdo das experiências. Experiência é atenção “dirigida” para objetos, reais ou imaginários, matérias ou ideais e todos esses objetos são “intencionados”. “Esse é um processo imanente de toda a experiência”; o objetivo é construído de modo aperceptivo na síntese das diferentes perspectivas das quais o objeto é fato visto ou posteriormente lembrado de maneira tipificada [...] (SCHUTZ ALFRED, Fenomenologia e Relações Sociais, página 7).

Diante do Debate das formas de percepção consciente presentes no século XIX, pode-se trazer isso para o âmbito da realidade cibernética. Conclui-se que o indivíduo interpreta o mundo de acordo com suas capacidades de cognição, através dos cinco sentidos cria-se uma interpretação do mundo, tornando-a uma espécie de

linguística. Diante desse aspecto, e levando-se em consideração a realidade virtual, é mais que evidente que nesse plano as capacidades de percepção tornam-se mais limitadas ainda. Quando há uma interação face-a-face, há um contato visual, auditivo, utiliza-se de uma linguagem oral e corporal para se comunicar às vezes até mesmo um contato através do tato, um beijo ou abraço. Virtualmente isso se torna mais restrito, no Facebook ao exemplo, quando há a comunicação através do bate-papo, as cognições tornam-se limitadas, comunica-se apenas através da escrita. ““““ ““““ A partir daí as formas de relação tornam-se mais superficiais, a interpretação do que é considerado socialmente uma realidade, torna-se ainda mais complexa, no sentido” bergsoniano,” o indivíduo encontra-se ainda mais distante da” consciência pura”.

Muitos psicólogos acham difícil acreditar que as tecnologias digitais, e principalmente a Internet, possam gerar mudanças na organização subjetiva de homens e mulheres contemporâneos. Paradoxalmente, estes psicólogos reconhecem que a organização subjetiva característica dos séculos XIX e XX – a do indivíduo – emergiu como resultado das mudanças desencadeadas pela Revolução Industrial. Por isso mesmo, este trabalho examina os aspectos que a Revolução das Tecnologias da Informação e a Revolução Industrial têm em comum. Explora, principalmente, as consequências humanas de ambas procurando tornar claro que algumas tecnologias podem gerar profundas transformações subjetivas, cuja compreensão é fundamental para a psicologia.

Segundo Ana Maria Nicolaci-da-Costa, as revoluções tecnológicas do séculos XIX e XX trouxeram grandes transformações no âmbito da psicologia, afirma que a internet trouxe grandes transformações nas organizações subjetivas de homens e mulheres do mundo contemporâneo. Isso é claro mesmo nos anos 90, começo dos anos 2000 com o surgimento das primeiras redes sociais e das novas formas de relações virtuais. Há de se destacar as formas de relacionamentos afetivos. Como os homens e mulheres mudaram suas expressões de afeto, será que estão menos focados em assumirem um “relacionamento sério” pela facilidade de acesso que têm em conhecer vários parceiros ao mesmo tempo? De certo modo sim, mas ainda há os que optam por uma forma de relacionamento tradicional. Todavia cercado de conflitos e infidelidade. Isso é mais que perceptivo quando um dos parceiros do casal dá uma “curtida” na foto ou “status” de um parceiro ou parceira, ao qual se relacionou ou manteve um relacionamento sério anteriormente. Ao mesmo tempo em que o Facebook faz com o que os laços afetivos se tornem mais superficiais, também se gera uma espécie de vínculo, pois é muito comum o usuário ainda

manter em seu cliço de amizade virtual com aquela paquera ou rolo antigo. Isso faz com que os laços antigos de afeto não sejam totalmente quebrados, a não ser que o usuário delete ou bloqueie a conta do ex-parceiro, o que também gera uma espécie de situação constrangedora. Porém, a conta do usuário sempre estará presente na rede de relacionamento, sendo assim o antigo parceiro não é completamente “eliminado” de sua vida cotidiana. A situação é ainda mais comum entre jovens que ainda encontram-se inconscientemente inseguros com relação a esses tipos de afeto. Logo gera conflitos em suas relações, causando situações de stress, insegurança e desenvolvimento de quadros depressivos.

O filme “Her”, traduzido, como “Ela”, relata uma estória, no qual o protagonista se envolve virtualmente, e acaba se apaixonando por um computador.

[...] apesar, de se tratar de uma "inteligência artificial" - termo que remeteria apenas às funções lógicas, abstratas, não sensitivas -, a garota "computacionalizada" do filme apresenta também emoções. Apresenta emoções, inclusive, no sentido carnal que podemos compreender (isso é o mais bizarro). O que se conclui disso? O que o diretor estava pensando? Bom, acredito que ele esteja pensando que todas as experiências mentais e subjetivas nossas, incluindo aquelas que envolvem afecções do corpo (libido, dor e etc.), são, no fundo, manifestações de uma mente "matemática", não instintual, e que, portanto, poderíamos reproduzir estas sensações computacionalmente, sem a necessidade de substratos biológicos [...].

Interpreta-se que, o diretor quis traçar, algo impossível que se ocorra no mundo real, de certa forma uma espécie de ironia, obviamente a maioria dos sinais sensitivos, são produzidos biologicamente. Por mais que isso seja sistematizado, a partir de um sistema operacional, essas ações seriam sempre pré- meditadas, enquanto que o corpo produz ações inesperadas e múltiplas. Ao se relacionar com um “computador falante”, as ações do computador são limitadas, enquanto as do protagonista são indeterminadas logicamente, como transformar nossos milhões de nervos aferentes e cognitivos em simples fios? Seria algo impossível. Todavia se deduz que o filme faz uma sátira aos relacionamentos afetivos virtuais, no qual os parceiros idealizam um tipo de perfil, que muitas vezes corresponde apenas à realidade virtual.



Figura 3 – Sistemas Operacionais

Fonte: Blanco, Benilso, 2015.

Atualmente, o tema sobre o vício cibernético, apesar de ter alcançado um campo de debate bastante abrangente, principalmente entre o público jovem, ainda é pouco debatido no campo da psiquiatria, sendo enquadrado, como um transtorno mental. Assim como usuários de substâncias ilícitas e lícitas, como ou álcool ou a cocaína, o usuário viciado em se manter conectado, mereceria a mesma atenção que se dá a um dependente químico. O documentário “Web Junquei”, produzido no ano de 2014, expõe o tratamento de jovens que possuem a patologia do vício a conectividade. O documentário foi gravado na China, e expõe a rotina e tratamento desses dependentes em uma clínica de reabilitação.

Supõe-se que a questão do vício cibernético, é ainda mais acentuada entre os jovens chineses, pois há a questão do controle de natalidade, onde um casal pode ter no máximo um único filho, gera uma solidão maior, onde procuram uma forma de interação com outros indivíduos pela internet.

Durante o tratamento, os jovens são habituados a um hábito de rotina que foi cortado com vício à conectividade, há casos de jovens que deixam de ir ao banheiro, fazer suas necessidades fisiológicas para passarem mais tempos conectados. Analisou-se, que junto a esses ambientes de interação cibernética, haviam também outros tipos de vícios, onde alguns desses pacientes às vezes bebiam exageradamente, ou eram tinham o hábito de fumar,

Uma crítica a se fazer sobre o documentário Web Junkie, que apesar do problema do vício a conectividade entre os jovens ser considerado algo atual, as formas de tratamento que se observavam eram meio arcaicas, utilizavam-se grande quantidades de remédios e se ignorava a questão do problema enraizado atrás do transtorno mental, a grande parte dos jovens.

A figura abaixo demonstra um dos pacientes, sendo submetido ao tratamento oferecido na clínica. Conclui-se que, o tema sobre vício corelacionado a transtornos mentais, deveria ser abordado no âmbito social e científico, como muito mais cautela, pois a problemática, vem se tornando cada dia mais grave. Uma nova geração de jovens está submetida a sérios riscos, tendo suas relações e vínculos sociais prejudicados e suas capacidades cognitivas sendo diretamente afetadas, eles vivem quase que literalmente em um submundo em confronto direto com o que é considerado socialmente realidade.



Figura 4 – Tratamento I

Fonte: "Web Junkie"



Figura 5 – Tratamento II

Fonte: "Web Junkie", 2015.



Figura 6 – Tratamento III

Fonte: "Web Junkie", 2015

O tema vício cibernético, está quase que diretamente relacionado ao tema da dependência química, pois ambos são considerados patologias. Sendo assim pode-se fazer uma correlação com as drogas segundo a psicanálise freudiana. Apesar do vício da conectividade, em específico ao *Facebook*, ser considerado um assunto bastante específico e contemporâneo, não foge a relação do vício as drogas em vínculo com campo da psicanálise e psiquiatria.

“Segundo Freud, as relações do individuo com a substância tóxica, é enquadrado como um neurose, sendo que o pai é um determinante para a construção da neurose:” A tese freudiana sobre o recurso à substância tóxica, ao sintoma e ao tratamento psicanalítico fundamenta-se na clínica da neurose. A partir desta (que teve início com a investigação sobre a histeria), Freud teorizou sobre a morte do pai, elaboração que se encontra de forma detalhada no texto “Totem e tabu” (1912-1913), e, conseqüentemente, sua permanência como mito na realidade psíquica do ser humano. Dessa maneira, Freud defende que o pai tem função determinante na constituição da neurose, motivo pelo qual podemos estender a interpretação, afirmando que a função paterna é um fator determinante no recurso ao tóxico, compreendido como uma tentativa de amenizar os efeitos do recalque na neurose’ ( REIS Julia Da Silva Mendonça, Psicologia Em Revista, pág. 242).

[...] a compreensão da função da droga assume suas particularidades quando, diferente da investigação psiquiátrica da época, pautada no modelo.

Biológico e nas categorias de hereditariedade e degenerescência, Freud baseia seus estudos na distinção diagnóstica entre neurose e psicose, nos mecanismos de recalçamento e forclusão respectivamente. Assim, ele demonstra que a psicanálise oferece uma compreensão do sentido e da intenção do sintoma neurótico, e que estes podem ser tratados com base no método psicanalítico.

Outra questão a ser debatida com a as causas do vício na conectividade, em especial vinculado ao Facebook, são a questões dos hiperlinks, que de certa forma foram extintos, o individuo, não se mantêm conectado em vários sites ao mesmo tempo. O Facebook oferece uma multidiversidade de ferramentas, fazendo que o usuário, descarte o acesso a outros sites, para permanecer apenas na rede de relacionamentos. Ao exemplo, no Facebook, o usuário é capaz de buscar uma informação sobre um placar de um jogo, até a opção de manter informado sobre moda, ou localizar um restaurante que o agrada.

Um exemplo a ser relatado, é o de uma jornalista iraniano, que de certo declarou a “morte” dos blogs:

Após o trágico ataque terrorista de 11 de Setembro de 2001, me peguei lendo diários online para entender o significado daquilo para americanos. Eu era um jornalista tecnológico no Irã e os blogs me ajudaram a me reconectar com os leitores de minha coluna diária em um jornal reformista Iraniano. Comecei meu próprio blog e ajudei muitos leitores do Irã a começarem o mesmo. Um ano após esses acontecimentos, blogar ficou tão na moda no Irã, quanto hoje em dia são os hipsters e suas barbas; Me nomearam blogfather (um pai dos blogs). Até mesmo a mídia estatal nutriu isso.

“O pior é que Mark Zuckerberg provou não ser um fã de links, ou hyperlinks. Com o Facebook, ele não encoraja que você crie links. No Instagram, ele simplesmente os proibiu. Ele está espremendo o hyperlink, portanto, matando a rede de textos externos interconectada e descentralizada conhecida por World Wide Web.

O Facebook gosta que você permaneça nele. Os vídeos já são embutidos no Facebook, em breve, artigos externos também serão embutidos também, com o projeto de “Instant Articles” (Artigos Instantâneos). A visão do Sr. Zuckerberg é a de um espaço insular que consuma toda sua atenção—para que ele a venda para os anunciantes.

Agora, com aproximadamente 1.5 bilhões de usuários ativos mensalmente e um crescimento particular em lugares menos desenvolvidos, o Facebook é a Internet para muitos—58% dos Indianos e 55% dos Brasileiros acreditam que o Facebook É a Internet, de acordo com uma pesquisa publicada pelo Quartz.”

O mais importante a ser destacado, é que de certo, o Facebook causou uma revolução no meio cibernético, onde a grande parte do conteúdo que se encontrava em uma multidiversidade de links, se introduziu apenas em um única rede de relacionamentos, ou seja, a internet “resumiu-se ao Facebook”, mas isso foi pré-meditado pelo próprio Mark Zuckerberg, que como um bom e ótimo empreendedor, deseja que o número de usuários conectados ao site aumente gradualmente.

No âmbito da anatomia cerebral e da psiquiatria, vale ressaltar a parte do cérebro, responsável pela patologia do vício, esses dados foram captados, em uma reportagem noticiada pela BBC, no ano de 2007. Segundo um estudo realizado pela universidade do Sul da Califórnia e a Universidade de Iowa, a parte do cérebro responsável pelos vícios é nomeada como “ínsula”, segundo os estudiosos quem apresentar algum tipo de deficiência, em tal parte, possui menos propensão ao vício.

“Conforme os pesquisadores, a ínsula recebe informações de outras partes do corpo e, acredita-se, ajuda a traduzir esses sinais em impulsos que podem ser sentidos subjetivamente, como a fome, a dor ou a ânsia”.

Uma pesquisa, foi realizada com 19 pacientes, entre esses, 12 que apresentavam danos na ínsula, livraram-se do hábito de fumar, com maior facilidade.

Vale-se destacar como ocorre o processo da neuroquímica do vício, os três hormônios envolvidos são, Noradrenalina, Serotonina e Dopamina.

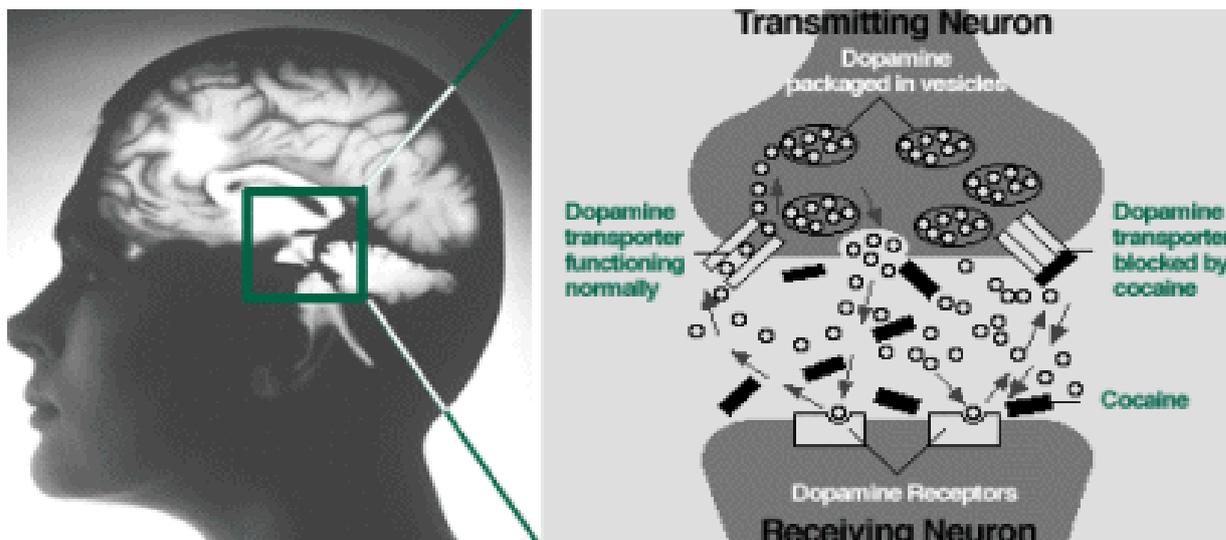


Figura 7 – Transmissão neural

Fonte: “Google Imagens”, 2016.

Nos últimos anos, os neurotransmissores ganharam muito espaço nas discussões científicas graças a Dopamina e a Serotonina. Ambas são neurotransmissores ligados a sensações e sentimentos humanos. Pode-se até dizer que a Serotonina está associada a sentimentos de bem-estar ou mal-estar. Já a Dopamina está relacionada à sensação de euforia e entusiasmo. As sensações provocadas pelos dois neurotransmissores são um pouco diferentes, as da Serotonina são de bem ou mal-estar constantes enquanto as da Dopamina de êxtase e euforia. Numa analogia grosseira, poderíamos dizer que a Serotonina está para a Dopamina assim como o amor está para o ato sexual.

Em estudos feitos com usuários de cocaína em diversos estágios da dependência, notou-se que, quanto mais um indivíduo toma a droga, mais há variação nos níveis de Dopamina. À medida que ele faz uso frequente da droga, seu corpo passa a se “habituar” a ela. Aí ele vai precisar de cada vez mais cocaína para potencializar a atuação da Dopamina no organismo e ter a mesma sensação de êxtase e euforia. Com os níveis de Dopamina, o equilíbrio nos níveis de Dopamina, o indivíduo tende a ter maior controle de suas emoções.

Diante desses aspectos, conclui-se que o processo que ocorre com relação à patologia do vício cibernético, é muito similar, pois envolve a mesma parte do cérebro, responsável pelas cognições.

Um estudo realizado na Universidade De Michigan oficializou o surgimento de uma nova doença vinculada, à conectividade abusiva ao Facebook, nomeada como “Depressão De Facebook”. A patologia está exatamente vinculada às interações ilusórias, presentes na rede social. Quando o indivíduo, percebe realmente como é realidade social, ocorre um impacto, que leva à depressão.

Uma possível razão é que as pessoas tendem a postar apenas as boas notícias sobre eles mesmos na rede social: férias, promoções, fotos de festas, etc. Então é super fácil cair na falsa crença de que todos estão vivendo vidas muito mais felizes e bem-sucedidas que você (quando isso pode não ser o caso).

A relação espaço e tempo, também é bastante considerável.

Há pouca crítica diante dos acontecimentos vivenciados, a questão tem ligação direta com o “espírito do tempo”, (C.G Jung, página 48).

Não se pode brincar com o espírito do tempo, pois ele constitui uma, religião, uma fé, o um credo, cuja irracionalidade, nada deixa a desejar, tendo, além disso, a deplorável qualidade de querer passar por critérios supremos de toda a verdade e a pretensão de ter o privilégio do bom senso.

O espírito do tempo escapa, às categorias da razão humana. É um <<penchant>>, uma inclinação sentimental, que por motivos inconscientes, age como uma soberona força de sugestão sobre todos os espíritos fracos e os arrasta. Pensar diferentemente do que se pensa em geral hoje, tem sempre um bafio de ilegitimidade intempestiva, de desmancha prazeres. É Mesmo qualquer coisa de quase incorrecto, de doentio, de blasfematório, que não deixa de comportar graves perigos sociais para quem assim rema de modo absurdo contra a corrente (JUNG, C.G, 1975, P. 48).

Tecnologias e espírito do tempo, lado abusivo... psicopatologias ligas as tecnologias, sem esta devidamente estudados

O facebook vem sofrendo alterações em suas ferramentas ao longo desses 12 anos, tudo para tornar o usuário, cada vez mais interado com a rede e seus “amigos”. Atualmente, criou-se uma nova forma de se expressar opiniões, através de botões que expressam reações, logo o que era uma simples opção “curtir”, ganhou uma repercussão muito maior. Ao exemplo, diante de um sensacionalismo, ou uma simples foto, pode-se demonstrar que o usuário, “curtiu” o conteúdo, “amou”, “achou engraçado”, “sentiu raiva”, “ficou triste” ou espantado.



Figura 8 –“ Emojis “

Fonte: Facebook

Deve-se observar as causas da dessa evasão do real, apesar de ser detectado como patologia psíquica, (atualmente ainda no Brasil, não se encontrando um tratamento específico), o principal fator que desencadeia esse tipo de vício, muitas é ignorado. A raiz do problema, algumas vezes, está relacionada, a conflitos familiares que esses jovens enfrentam. À exemplo, como relatado no documentário “Web Junkie”, todos os pacientes eram filhos únicos, pois na China o controle de natalidade permite apenas um filho por casal. Essa sensação de solidão, de certo, contribuiu, para que procurassem novas formas de relação no meio virtual. O Facebook em si, é a “chave perfeita” para esse tipo de relação, há uma forma bastante prática, para se comunicar com outro usuário, estando eles pertencentes a sua vida social ou apenas virtual. Basta enviar uma “solicitação de amizade” a um indivíduo, que nunca teve qualquer tipo de contato pessoal e assim criar-se um novo tipo de relação virtual. Todavia, esse tipo de relação é bastante limitada e cria-se introspecções a respeito do outro completamente ilusórias. Muitas vezes gera-se um tipo de timidez excessiva, que prejudica totalmente as funções cognitivas. “O que é o real na vida social? O que uma interação face a face? O que o outro que me passar com uma sutil expressão fácil” essas relações, são perfeitamente normais na rotina de qualquer individuo pertencente a um meio social. Logo quando se está frequentemente presente diante de relações virtuais, essas funções básicas de relações, se tornam quase que completamente debilitadas.

Diante de aspectos patológicos mental, vale a pena ressaltar, que as consequências geradas, também são físicas. O jovem torna-se sedentário, adquire problemas de coluna, por permanecerem horas sentados na cadeira para se manterem conectados. Além de terem a rotina completamente desestruturada. As horas de sono diminuem, em casos mais graves, deixam até mesmo de realizarem, suas necessidades fisiológicas, o que pode gerar problemas renais e intestinas. Essas são apenas algumas das consequências físicas que esse vício, é capaz de gerar.

Diante desse aspectos, vale a pena ressaltar, os fenômenos sociais que ocorrem nas redes sociais, em específico o “Facebook”. Apesar de vir desencadeando esse grandes problemas patológicos entre jovens, não é um aspecto individual, também deve ser visto como um fenômeno social e até mesmo institucional. Há uma diversidade de símbolos, e afinidades compartilhadas entre esses usuários, a rede social, é um meio de relação como outro qualquer, apesar das relações serem virtuais. Logo essa “revolução” cibernética, pode ser enquadrada como fenômeno social, bem significativo, não muito atrás da primeira revolução tecnológica, em meados do século XX, que pôs em destaque, o cinema. Benjamin nomeia primeira revolução tecnológica, como a era da “reprodutibilidade técnica”, de certo, faz uma releitura do modo de produção de Marx, e desses meios de produção em massa, envolvidos em um contexto capitalista.

“Em sua essência, a obra de arte sempre foi reprodutível. O que os homens faziam sempre podia ser imitado por outros homens. Essa imitação era praticada por discípulos, em seus exercícios, pelos mestres, para a difusão das obras, e finalmente por terceiros, meramente interessados no lucro. Em contraste, a reprodução técnica da obra de arte representa um processo novo, que se vem desenvolvendo na história intermitentemente, através de saltos separados por longos intervalos, mas como intensidade crescente” (Benjamin, 1994, p.166).

Conclui-se que, no contexto atual, o fenômeno ocorrentes nas redes sociais e no Facebook, pode ser considerados, fenômenos comuns do mundo da reprodutibilidade técnica. Em si, seria um meio de relações produzidas e padronizadas.

“O meio é a mensagem” significa, em termos da era eletrônica, que já se criou um ambiente totalmente novo. O “conteúdo” deste novo ambiente é o velho ambiente mecanizado da era industrial. O Novo ambiente reprocessa o velho tão radicalmente, quanto a TV está reprocessando o cinema. Pois o conteúdo da TV é o cinema. A televisão é ambiental e imperceptível como todos os ambientes. Nós apenas temos consciência do “conteúdo”, ou seja, do velho ambiente. Quando as produções de máquinas eram novas, gradualmente, foi criado um novo ambiente, cujo conteúdo, era o velho ambiente da vida agrária e das artes ofícios “(MARSHALL, Mcluhan, Os meios De Comunicação como extensão do homem (understanding media pág. 12).

Diante da Visão de Mcluhan, nota-se que os conteúdos, podem ser reproduzidos nos meios, logo o fenômeno ocorrente nas redes sociais, apesar de serem notavelmente ilusórios, muitas vezes transparecem traços das relações sociais. As contradições ideológicas, os conflitos, as hierarquias, entre outros aspectos. Todavia, isso muda diante de aspectos introspectivos.

O Facebook transparece claramente esse conflitos sociais, e o público jovem é o mais envolvido. Isso é claro e evidente, diante de aspectos políticos sociais. Atualmente, o quadro político vêm gerando grandes debates, sendo que a página serve como um meio para organização desses movimentos sociais e políticos. A exemplo, as manifestações de junho de 2013, tiveram grande repercussão e publicidade, no Facebook, essa repercussão, foi tão significativa que foi causa principal da reunião de milhares de jovens em protestos.

Segundo Foucault, uma doença ou um transtorno mental, só ganha significado, quando é reconhecida em um meio social. Logo até quando o transtorno do vício cibernético pode ser enquadrado como doença ou como um fenômeno social. Nesse contexto, algumas patologias, são institucionalizadas, para alimentarem o modelo capitalista.

Foucault (1972), na sua obra A história da loucura, e outros autores que compartilham com sua visão, expõem que a estigmatização do louco prevaleceu ao longo dos tempos e levou a uma exclusão social desses indivíduos, fazendo-os viverem à margem da sociedade dita normal (Maciel, S. C., Maciel, C. M. C., Barros, D. R., Sá, R. C. N., Camino, L. F. Exclusão social do doente mental, pag, 115, 116).

Diante da abordagem, pergunta-se porque, a questão do vício como patologia nas redes sociais, é uma tema pouco abordado na atualidade, com um campo de debate restrito. Questiona-se, como, que grande parte dos jovens, possuem o transtorno do vício, e isso é pouco abordado no campo social e patológico? A resposta está obviamente no não reconhecimento do vício, como uma doença que precisa ser tratada, pois normalmente, só é reconhecida quando se alcança um quadro mais grave, ou de distúrbio de ansiedade, ou de pânico, depressão, entre outros transtornos mentais. Mas o vício cibernético como doença, ainda está sendo pouco abordado no campo da psiquiatria, quanto menos, há uma tratamento específico.

Um método nomeado como "Pavlov Pode", foi criado por um cientista dois cientistas americano, Robert Morris e Dan McDuff, esse método, promete a curar do vício no Facebook, através de choques.

Inspirados por Ivan Pavlov, fisiólogo russo que estudava o comportamento dos animais através de choques, condicionando-os a uma determinada ação, eles criaram o "Pavlov Poke". A ideia é que, a cada período de tempo 'perdido' em redes sociais ou em sites de entretenimento, o usuário leve um choque. A descarga elétrica não é grande o suficiente para ser perigosa, mas ela, de acordo com os cientistas, é definitivamente desagradável. Isso condicionaria o cérebro do internauta a associar o Facebook com a sensação ruim - e, logo, evitá-lo.

Nota-se, que as formas de tratamento relacionadas ao vício cibernético, ainda podem ser consideradas arcaicas. O método do choque em específico, que promete a cura, apesar de parecer eficiente, não vai à causa que fez o indivíduo adquirir o vício. Tudo indica, que se esses conflitos causadores permanecerem o problema pode retornar.

Há de se fazer uma correlação, entre as formas de tratamento usadas a um dependente químico e o portador da patologia do vício cibernético. Faz-se uma análise, diante da eficácia do tratamento. Primeiramente, a de se supor, que um ex-usuário de um substância química, ao final do tratamento e ao restabelecer suas relações sociais, não ira ter mais contato com a droga. Ao contrário, um ex-viciado em se manter conectado ao *Facebook*, por exemplo, provavelmente, terá a

necessidade de se manter conectado, ao se inserir novamente, em seu meio de relações de rotina.

Enquanto o álcool, a maconha e a cocaína podem ser consideradas drogas que facilitam o contacto social, a adicção à Internet seria uma patologia que se desenvolve em pessoas de vocação solitária. Acreditamos que seriam, além de pessoas solitárias, também não desejosas do convívio interpessoal exuberante e entusiasmado. Trata-se de uma opção de postura social, compensada e gratificada pela Internet, pois são comuns os traços de introversão na personalidade de informáticos compulsivos de interações sociais, que mereceriam estudos mais aprofundados. (<http://www.psiqweb.med.br/site/?area=NO/LerNoticia&idNoticia=104> )

Gerou-se uma nova fase de interação na rede social de compartilhamentos. As consequências dessa fase serão ainda refletidas a longo e médio prazo. É, visivelmente conclusivo, que essas ferramentas vão se aprimorar com o passar do tempo, ampliando assim as formas de cognição e gerando novas sociabilidades e novas patologias.

Simmel (1903), ao analisar a metrópole e a vida mental, evidenciava como fenômeno urbano influenciava no nosso psiquismo. O excesso de estímulos na cidade fazia com o que os indivíduos, desenvolvessem a “atitude blasé” como forma de proteção, a grande quantidade de estímulos. Atualmente podemos refletir sobre os impactos da tecnologia, sobre nosso psiquismo e sobre nossas relações sociais.

Sendo assim, há de se considerar que os campos de estudos institucionalizados com relação à questão do vício cibernético entre jovens, ainda são muito restritos, logo não há um tratamento considerado eficaz. Os pacientes que reconhecem o vício procuram tratar-se através de terapias cognitivas.

O *facebook* se institucionalizou no meio cibernético e foi responsável pelo surgimento de uma nova geração, se estabeleceu novas formas de relações sociais e individuais. Criaram-se novos símbolos, novas formas de identidade. Entretanto, criou-se uma juventude que vive uma relação espaço e tempo completamente ilusórias, onde as formas de relações face a face são gravemente comprometidas pela patologia do vício.

Há níveis sociais e psicopatológicos, o *facebook*, causou quase que uma espécie de revolução no meio cibernético. Gerou novos hábitos, novos costumes, novos campos de debate.

As relações de formalidade foram se tornando cada vez menos comuns e mais diretas.

Alguns autores mais pessimistas consideram que os novos dispositivos tecnológicos capazes de diminuir muito, ou mesmo substituir, esforços humanos podem nos debilitar, podem nos fazer menos humanos. E pouco importa se tal temor tenha ou não fundamento, pois já foi provocado por diferentes avanços tecnológicos em diferentes momentos da história, segundo *Umberto Eco* (1996). Agora é a vez da Internet a provocar o mesmo temor.

Recentemente, a própria ferramenta do *Facebook*, sofreu alterações de forma a ampliar a maneira de opinar sobre o material compartilhado entre os usuários. Essa simples ferramenta ampliou as formas de interação, tanto permitindo maior contato, como também causando maiores divergências de opiniões. Em suma, as formas de aprimoramento das ferramentas presentes na rede social, durante os anos de 2004 a 2016, foram primordiais para aumentar os números de usuários jovens.

Diante desse peculiar avançando, as consequências, refletem diretamente na relação cognitiva do usuário com a rede. Apesar de aparentarem vulgas expressões caricatas, os “*emojis*”, refletem as emoções do usuário, causando um tipo de comunicação entre esses indivíduos .

Simmel, na modernidade definiu a atitude “blase “ como o diversos número de informações, captada em meio urbano , pela capacidade de cognição dos indivíduos. Atualmente no meio cibernético, em especial no *Facebook* , essa relação ocorre de forma similar. Entretanto, o usuário aprimorou a capacidade cognitiva no meio virtual .

A Pesquisa, teve como intuito ampliar o campo de debate sociológico e psicopatológico, envolvendo o transtorno mental do vício. Em suma, na rede de compartilhamentos *Facebook*. Porém, esse cambo de debate é bastante abrangente, sendo assim o estudo serviu como meio par facilitar futuros estudos nas várias instituições.

## Capítulo 2

### O FACEBOOK EM BRASÍLIA: JUVENTUDE E ESTILOS DE VIDA

Para aprimorar metodologicamente a pesquisa, foram elaboradas 19 entrevistas semi estruturadas, em forma de questionários, contendo o total de 10 perguntas. Essas 10 perguntas, foram relacionadas ao contato que jovens entre 15 e 30 anos tem com o “*Facebook*”. Diante desses aspectos, os questionários em questão, tiveram o objetivo de captar dados quânticos e assim averiguar se esses jovens possuem o vício como patologia psíquica.

A priori, haveria o intuito de captar, todas as idades entre 20 e 30 anos, só que foram possibilitados apenas três entrevistados na casa dos 16 anos, três de 17 anos, um de 20 anos, três de 22 anos, dois de 24 anos, um de 25 anos, dois de 26, 1 de 28 e 2 de 30.

A pesquisa foi bastante limitada, pois o trabalho de campo foi realizado em apenas três lugares. Uma empresa privada (Brasília Shopping), uma empresa, pública (CODEVASF), e o condomínio a qual se localiza a minha residência. Todavia, os dados são úteis, para a realização de uma pesquisa mais aprofundada.

O questionário foi destinado aos funcionários públicos das empresas, todavia não tive contato direto com os entrevistados, nos dois primeiros locais, pois as cópias das minhas entrevistas foram destinados a dois de meus parentes que trabalham nas empresas especificadas. Logo, não é a única variável em irei me basear, para obter resultados, sendo a mais importante para abordagem da pesquisa, é a idade.

Em minha residência, um prédio de seis andares, os questionários foram destinados, a duas vizinhas uma de 16 anos e a outra de 22, e mais um vigia de 25 anos. Totalizando em três questionários.

Abaixo, estará anexado os questionários, para se expuser uma visão mais detalhada da metodologia aplicada, com esses jovens em Brasília:

Ao final, esses dados serão tabelados, para se tirar uma conclusão através dos dados captados.

**Questionário**

1. Você possui conta no facebook? Se sim há quanto tempo?

A-  sim B-  não

Se sim:

A- Desde de 2004 (  ) B- de 2004 a 2009 (  ) C- de 2009 a 2014 (  ) D- de 2014 a 2015 (  )

2. Com que frequência semanal você se conecta ao Facebook?

A- 1 vez na semana (  )

B- 2 vezes na semana (  )

C- 3 vezes na semana (  )

D- Mais de quatro vezes na semana (  )

E- Apenas aos finais de semana (  )

3. Quantos tempo por dia você se mantém conectado:

A- De de 5 à 15 minutos (  )

B- De 15 minutos à 30 minutos (  )

C- De 30 minutos à 1 hora (  )

D- De 1 hora à 2 horas (  )

E- De 3 horas à 4 horas (  )

F- De 4 à 5 horas (  )

G- De 5 à 10 horas (  )

H- De 10 à 15 (  )

I- De 15 à 20 horas (  )

J- 20 horas ou mais (  )

4- Com que finalidade você se conecta ao facebook?

A- Lazer ( )

B- Como forma de se atualizar sobre os noticiários através do “feed de notícias”  
( )

C- Fim profissional (você trabalha como promotor de eventos, marketing, ou algo relacionado) ( ).

D- Como forma de se comunicar com seus amigos ou familiares

E- Todas as anteriores ( )

F- Outra (descreva): ( )

5-Por quantas horas você costuma se manter desconectado do facebook?

A-De 5 a 15 minutos ( )

B-De 15 minutos a 30 minutos ( )

C-De 30 minutos à 1 hora ( )

D-De 1 hora a 2 horas ( )

E-De 3 horas a 4 horas ( )

F-De 4 a 5 horas (x)

G-De 5 a 10 horas ( )

H-De 10 a 15 ( )

I-De 15 a 20 horas ( )

J-20 horas ou mais ( )

6-Você já desativou sua conta no facebook, por quanto tempo? (se não pule para questão sete)

A- No máximo uma semana ( )

B- Por mais de uma semana ( )

C- Mais de meses ( )

D- Não reativei ( )

7-Você costuma se conectar antes de dormir?

A- sim ( )

B – Não ( )

8- Você já acordou durante a noite para visualizar alguma notificação no facebook?

A- Sim ( )

B- Não (x)

9- Já sentiu que perdeu o sono ou tem dificuldade para dormir por se manter muito tempo conectado/?

( ) sim

( ) não

10-Você costuma postar coisas relacionadas à sua rotina durante o dia? (Ex: fotografias, o que está fazendo no momento)

A- Não ( )

B- Sim, raramente ( )

C- Sim, frequentemente ( )

D- Sim, moderadamente ( )

- O modelo, foi criado para ter em base, uma análise quântica e metodológica da pesquisa. Todavia, os dados não são conclusivos. Sendo assim, após a análise desses, não foi possível estabelecer um relação direta, entre a variável idade e a variável tempo de conexão.

Entretanto, notou-se que os usuários Na faixa etária, dos 16 anos permanecem menos tempo conectados, dos que os da demais faixa etárias. Um entrevistado, Na respectiva faixa etária, se conecta, apenas 1 vez por semana, e outro apenas 2 vezes por semana. Um desses, utiliza o Facebook, apenas para divulgação de um blog, outro apenas para se atualizar sobre notícias.

- An outra grande parte, dos usuários, utilizam a rede social Como forma de lazer e para se atualizarem sobre notícias.
- Conclui-se categoricamente, que a maioria dos usuários entrevistados se conectam ao “ Facebook”, mais de 4 vezes por semana

- Os na faixa etária dos 16/17 diariamente, permanecem menos tempo conectados
- 

Diante dos dados captados, conclui-se que a maior parte dos usuários, sentem a necessidade, de permanecerem conectados no mínimo quatro vezes por semana. O que demonstra certa necessidade de acesso à rede de compartilhamentos.

Pode parecer surpreendente, o fato do mais jovens terem permanecido menos tempos conectados ao *Facebook*. Todavia, supõe-se, que essa relação está diretamente ligada ao fato de permanecerem conectados a outros programas cibernéticos. Ao exemplo os jogos eletrônicos.

## CONCLUSÃO

Partindo de uma perspectiva da modernidade e até da pós-modernidade para alguns (Harvey), é posto em pesquisa, que as grandes revoluções tecnológicas, contribuíram para novas formas de interação social. Segundo Benjamin, a primeira revolução tecnológica, apesar de ter causado grandes avanços, foi responsável, por gerar um novo meio de produção, por isso nomeia como “Era Da Reprodutibilidade Técnica”. Nesse contexto, trazido, para o âmbito das relações contemporâneas cibernéticas, nota-se, que as novas relações no meio virtual, trouxeram graves consequências e institucionalizaram novos conflitos sociais, refletindo assim, no campo patológico individual.

Diante de aspectos postos em pesquisa, conclui-se que, o tema sobre o vício cibernético entre jovens, em suma, no Facebook, vem trazendo graves consequências tanto no campo patológico psíquico e físico, quanto no campo social.

A pesquisa teve como intuito aprimorar o campo de debate, e buscar soluções para a problemática. Nesse contexto, foram analisadas, as causas, consequências e a busca de soluções para o tratamento da patologia.

Dentro dos objetos de análise (entre eles, dados buscados na própria rede de relacionados do “Facebook”), foi constatado que as formas de relacionamento entre jovens na específica rede de relacionamentos, são diretamente relacionadas e podem ser consideradas causas do desenvolvimento de algumas patologias psíquicas, como, depressão, insônia e ansiedade. Todavia, o foco da pesquisa, está diretamente relacionado ao vício, como patologia psíquica, já enquadrado, como transtorno metal, segundo o Manual Diagnóstico De Transtorno Mental (DSM).

No documentário “Web Junkie”, usado como objeto de análise complementar para pesquisa, nota-se que o vício cibernético pode ser visto no âmbito social, como um fenômeno, onde jovens pertencentes da geração “Z” compartilham das mesmas experiências, causadoras do vício cibernético. A maioria passaram por experiências conflituosas dentro da instituição familiar. Porém, nota-se, que na China, a política social, permite que um casal gerasse apenas um único filho, talvez esse fator, contribua, para agravar a problemática patológica neural, pois causa a solidão, do jovem, gera maiores conflitos familiares e as relações entre pais e filhos, se tornam

mais intensas. Diante dessas causas, busca-se a evasão do real, através das relações cibernéticas, intensificando o vício como patologia.

Diante desses aspectos, busca-se soluções à problemática. Todavia, a pesquisa como inédita, busca apenas ampliar o horizonte dos campos de pesquisa, diante do vício cibernético como patologia. Buscar um tratamento específico se torna bastante trabalhoso, quando não existe uma causa específica definida.

Pode-se fazer uma analogia entre o vício em drogas químicas e entre o vício cibernético. Claramente, se for analisado um paciente dependente químico em tratamento de reabilitação, ao exemplo, um usuário de cocaína, se tem em vista, que ao final do tratamento, ao se estabilizar em um meio social, não terá mais contato com a droga. Nesse ponto, está à diferença entre um paciente, que é viciado em ter acesso ao meio cibernético. Se o respectivo paciente estiver sobre tratamento, ao final, é provável que, ao estabelecer sua rotina, irá reestabelecer suas relações na rede social. Por esses motivos expostos, o tratamento se torna menos eficaz.

Sendo assim é preciso aprofundar-se, para assim se concluir até que ponto, a conexão frequente, pode ser enquadrada como transtorno. Como reabilitar um paciente que irá ter contato com a internet novamente? Como impor limites?

Em suma, para aprimorar e buscar uma solução à problemática teria que se aprofundar em um debate ideológico, que iria abranger a psiquiatria individual e a sociologia. Porém, o intuito da pesquisa, é apontar formas provisórias de tratamento e aplicar o campo de debate nas instituições.

O espaço cibernético permite pensar as formas de sociabilidade presentes na sociedade contemporânea, bem como as fronteiras entre o normal e o patológico e o real e o virtual.

Notavelmente o “*Facebook*”, veio como uma revolução no meio cibernético. Nesse campo teórico, deve-se buscar uma análise imparcial e levar em consideração, que uma nova geração de jovens que abandonaram os blogs e “hiperlinks”, foi criada. Surge assim um novo conceito de identidade, uma nova era. Sendo assim, seriam necessárias mais pesquisas, que nos permitissem analisar, as consequências dessas tecnologias como fenômeno social no cotidiano dos jovens.

## REFERÊNCIAS

A HISTORICAL Tour of Silicon Valley - Slide Show. In: **Scaruffi**, 2009. Disponível em: <<http://www.scaruffi.com/politics/svtour.html>>. Acesso em: 18 fev. 2016.

ALVARENGA, Rogério M. Cresce cada dia mais evidências que ligam a dependência de drogas a neurotransmissores cerebrais. In: **Palavra de Médico**, s. d. Disponível em: <<http://www.palavrademedico.com.br/tema12.htm>>. Acesso em: 18 fev. 2016.

AS NOVAS doenças provocadas pelo uso da internet. In: **Pragmatismo Político**, 22 de outubro de 2013. Disponível em: <<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2013/10/conheca-doencas-provocadas-internet.html>>. Acesso em: 18 fev. 2016.

BENJAMIM, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre a literatura e história da cultura. Trad. de Sérgio Paulo Rouanet. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CASTELLLS, Manuel. **A galaxia da internet**: reflexões sobre internet, negócios e sociedade. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Trad. de Roneide Venancio Majer com a colaboração de Klauss Brandini Gerhardt. 8. ed. totalmente rev. e ampl. São Paulo: Paz e Terra, 1996. V. I.

CASTELLS, Manuel. [1942] **O poder da identidade**. Trad. de Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999. V. II. (A era da informação: economia, sociedade e cultura).

CIENTISTAS descobrem parte do cérebro ligada ao vício. In: **BBC Brasil**, 26 de janeiro de 2007. Disponível em: <[http://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2007/01/070126\\_fumo\\_ac.shtml](http://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2007/01/070126_fumo_ac.shtml)>. Acesso em: 18 fev. 2016.

FOUCAULT, Michel. **Doença mental e Psicologia**. Trad. de Helder Viçoso. 1. ed. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2008.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

GASTALDO, Gabriel. A morte do hyperlink: consequências. In: **Medium**, 11 de novembro de 2015. Disponível em: <<https://medium.com/@arddhu/a-morte-do-hyperlink-consequ%C3%A2ncias-39cb30d7364e#.fbc2anajb>>. Acesso em: 18 fev. 2016.

GUERRA SOBRINHO, Lemuel Dourado. O pós-modernismo e as ciências sociais: anotações sobre o atual estado da discussão. **Impulso**, n. 29, p. 99-112, 0000. Disponível em: <<http://www.unimep.br/phpg/editora/revistaspdf/imp29art07.pdf>>. Acesso em: 18 fev. 2016.

JUNG, C. G. **O homem à descoberta da sua alma**. Trad. de Camilo Alveis Pais. Porto: Tavares Martins, 1962. 507 p.

KREMER-MARIETTI, Angéle, **Introdução ao pensamento de Michel Foucault**. Trad. de César Augusto Chaves Fernandes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1977.

MaclSAAC, Tara. Psicóloga analisa o vício ao Facebook e às mídias sociais. In: **Epoch Times**: um jornal a serviço da verdade, 26 de agosto de 2013. Disponível em: <<https://www.epochtimes.com.br/psicologa-analisa-vicio-facebook-midias-sociais/#.VuuvdulrJSx>>. Acesso em: 18 fev. 2016.

McLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensão do homem**. São Paulo: Editora Cultrix, 1969.

MENDONÇA, Julia Reis da Silva. A droga como um recurso ao mal-estar na civilização. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 17, n. 2, p. 240-260, ago. 2011. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/viewFile/P.1678-9563.2011v17n2p240/3242>>. Acesso em: 18 fev. 2016.

MENEZES, Daniel. Zygmunt Bauman e sua ácida crítica do Facebook e do Twitter. In: **Carta Potiguar**: uma alternativa crítica, 11 de fevereiro de 2012. Disponível em: <<http://www.cartapotiguar.com.br/2012/02/11/zygmunt-bauman-e-sua-acida-critica-do-facebook-e-do-twitter/>>. Acesso em: 18 fev. 2016.

MEYER, Maximiliano. Quais as diferenças entre as gerações X, Y e Z e como administrar os conflitos? In: **Oficina da Net**, 16 de outubro de 2014. Disponível em: <<https://www.oficinadanet.com.br/post/13498-quais-as-diferencas-entre-as-geracoes-x-y-e-z-e-como-administrar-os-conflitos>>. Acesso em: 18 fev. 2016.

MOSCOVICI, Serge. **A Psicanálise, sua imagem e seu público**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. Revoluções tecnológicas e transformações subjetivas. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 18, n. 2, p. 193-202, maio/ago. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v18n2/a09v18n2.pdf>>. Acesso em: 18 fev. 2016.

OLIVEIRA, Vanilda Maria de. **Curar a própria história - Uma análise sociológica da terapêutica da depressão**. 2015. f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade, Brasília, 2015.

SCHUTZ, Alfred. **Fenomenologia e relações sociais**. 1. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SIMMEL, Georg. [1903]. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.  
USO diário de internet móvel entre os mais jovens já supera 2 horas. In: **IDG Now!**, 08 de agosto de 2014. Disponível em:  
<<http://idgnow.com.br/blog/circuito/2014/08/08/uso-ativo-do-uso-ativo-de-facebook-continua-a-cair/>>. Acesso em: 18 fev. 2016.

VIANA, Nildo. O cinema segundo Walter Benjamin. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 66, nov. 2006. Disponível em:  
<<http://www.espacoacademico.com.br/066/66viana.htm>>. Acesso em: 18 fev. 2016.

<http://www.psiqweb.med.br/site/?area=NO/LerNoticia&idNoticia=104>

HARVERY, David. *A Condição Pós Moderna*, 1993,

SIMMEL, George, *A Metrópole e a Vida Mental*, 1903